ETNOCENTRISMO – Cultura surda

# Alane de Souza

# Bruna Saraiva

# Dully Gunther

# Mayssa Velasco¹

**Taís Bueno Dorneles²**

###### RESUMO

*Este presente trabalho tem o caráter exploratório com o objetivo de elucidar os leitores sobre o processo etnocêntrico que ocorre entre a cultura ouvinte e cultura surda, evidenciando o processo discriminatório dos ouvintes perante os surdos na sociedade atual. No etnocentrismo há um julgamento de padrões, uma cultura é melhor do que a outra, sendo que dentro do mesmo país, no caso o Brasil, é um universo de padrões culturais diferentes, e será relatado como isso procede na cultura ouvinte em relação à cultura surda, como os costumes da comunidade surda causam estranhamento para a sociedade, uma realidade que não está no dia-a-dia de todos, por isso para despercebida. Serão contextualizados também sobre a cultura surda, seus atores, a educação de surdos, como em cada momento a cultura ouvinte acaba oprimindo a cultura surda e propriamente a etnocentria entre a sociedade ouvinte e a sociedade surda, trazendo essa realidade que está gritante e mesmo assim não é percebida.*

**Palavras-chave: Ouvinte, surdez, etnocentrismo, cultura surda, cultura ouvinte**.

# 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um País multicultural, habitado por vários povos, várias etnias, se valendo de várias culturas, hábitos, costumes, valores e visão de mundo. Uma visão estreita é não analisar que dentro do mesmo ambiente há vários grupos, com experiências de vidas diferentes e toda a sua bagagem. O Etnocentrismo surge neste meio caótico, de vários povos, como um conceito onde só a cultura que “eu” estou inserido é a correta, a valorosa, e que a cultura do outro é sempre inferior, algo sem valor. A visão etnocêntrica não considera algo diferente dos costumes enraizados na cultura que permanece, e por isso, há um julgamento de valores.

É comum acontecer nos grupos a comparação de práticas, de costumes e colocar seus padrões como superiores e mais importante do que as outras culturas. O comportamento dos homens, seus hábitos, onde vivem, seus conhecimentos, crenças, aptidões, a moral, todo esse complexo enredo, compõe a formulação da cultura, e para analisar o etnocentrismo, precisa-se entender o que é cultura.

O Etnocentrismo contribui para a divisão das pessoas em grupos, sejam elas de etnia, raça, religião, crenças, sempre contribuindo para a segregação da sociedade, porém este conceito pode esclarecer através de pesquisas mostrando como funciona os mecanismos, as razões de tanta diferença entre as pessoas. E isto ocorre em todos os lugares, com todas as pessoas sem elas perceberem.

Este assunto foi escolhido pelo grupo por conta da percepção empírica da sociedade atual, onde vê-se uma opressão de uma cultura sobre a outra mostrando assim a relevância desta pesquisa acadêmica. Optou-se realizar essa busca para relatar como uma cultura, no caso a cultura ouvinte, ainda oprime culturas menores, como a cultura surda, e também mostrar que há valor em culturas maisenfraquecidas.
 Serão abordados os temas: A cultura surda e suas características, os atores desta cultura, como funcionam a educação surda e o etnocentrismo (cultura surda x cultura ouvinte).
 Espera-se que mostrando as diferenças que há nessas culturas, haja uma conscientização do público leitor deste trabalho, para diminuir estes empasses, esta opressão e as culturas tenham mais harmonia nesta relação.

# 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

 De acordo com o Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa (7º Edição – 2009), dá-se como definição da palavra “cultura” o ato ou modo de cultivar, o complexo dos padrões de comportamento, crenças, instituições, manifestações artísticas, intelectuais, transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade. E dentro da Cultura Surda, os padrões para essa definição não são diferentes. Os surdos compartilham modos e costumes em comum, onde o espaço e a experiência visual são seus marcadores da comunicação. Não que esse fator seja exclusividade da comunidade surda, mas ela é real, é viva, é sentida de maneira única, pois sua percepção e criação do mundo dão-se a partir do visual. Foi verificado que comunidade não precisa ser especificamente de pessoas com surdez, nela pode ser incluída intérprete língua de sinais, familiares de surdos ou então terceiros que trabalham juntamente com surdos e utilizam a língua de sinais.
 As pessoas não surdas desde o nascimento já absorvem considerável número de informações, sendo elas via família, amigos, TV, rádio, materiais impressos, dando apreço também as casualidades de ouvir conversas alheias que automaticamente fará com que o cérebro adquira informações. Essa situação se modifica nos casos das pessoas surdas, pois há uma grande probabilidade de seus pais e familiares serem ouvintes e não saberem sinalizar, e como efeito, a acessibilidade à conversas familiares, noticiários, rádios e etc, será comprometida. Relativamente, não terá aptidão na leitura/escrita devido à dificuldade de interagir com os meios impressos.
 No processo onde temos a cultura surda como marco principal, suas experiências em comum são estabelecidas como identidades, mesmo sendo uma cultura minoritária e marginalizada, ela já garantiu sua língua oficial como um artefato exclusivo da sua cultura espaço/visual (Lei 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005).

 Houve um tempo em que a LIBRAS não tinha seu reconhecimento, e aceitação no Brasil. Contudo, os surdos sinalizavam somente em lugares favoráveis onde à repreensão não era manifestada, por aqueles que não prestigiavam a língua.
 A LIBRAS não é uma língua universal, ela tem suas variações linguísticas assim como qualquer outra língua estabelecida. Há quem diga que a cultura surda se dá como ponto principal uma “patologia”, mas certamente essa definição não seria íntegra, pois sua diferença cognitiva desperta os seus próprios sentidos.

“ [...] dentro de contexto de cultura nacional para o povo surdo, a imagem dos surdos como

“deficientes” está atada na imagem mental dos sujeitos ouvintes, pois sujeitos surdos são considerados “exóticos”, isto é, diferentes para o povo ouvinte, que faz mexer a cabeça, criando o imaginário, um tipo de autonegação da sociedade ouvinte que não está pronta para receber ou concordar com a cultura surda, pois ainda vêem o povo surdo como incapazes.” (STROBEL, 2008-a, p.30)

 Observamos que as literaturas da cultura surda usam sua própria língua e personagens surdos como o contato com o “mundo” surdo, fazendo então com que o favorecimento seja presente na troca de conhecimentos e informações, sendo assim, reconheceu que a mesma recria-se todos os dias.

As pessoas surdas que usam a língua de sinais têm uma experiência de vida inserida na cultura surda, pois crescem e vivenciam a história, é algo natural, compartilhado pelas pessoas do grupo.

A escola especial para surdos tem uma grande responsabilidade, os professores precisam preparar bem os alunos surdos para que eles consigam se desenvolver com qualidade e aprendem com eficácia, para que tenham as mesmas oportunidades que todos, saibam conviver em sociedade, trocar experiências e ser respeitado e valorizado em sociedade.

A cultura surda é constituída por uma comunidade, que há uma língua, que é a de sinais e quem participa desta são o indivíduo surdo, a família, os intérpretes de libras, pessoas que usam a língua de sinais, entre outros.

Alguns surdos conseguem realizar a leitura labial, mas não podemos generalizar, alguns ouvintes são difíceis de entender, cada pessoa é única, e não é uma leitura 100% eficaz, não é um entendimento por completo do que está sendo dito. A leitura labial não é uma habilidade natural, precisa ser ensinada desde cedo e algumas pessoas surdas não consegue fazer uma boa leitura, com isso utilizam os sinais para se comunicarem.

Surdo não é mudo, e não gostam de serem chamados assim, eles não falam, mas possuem voz, podem gritar, não pode ouvir, este é o único empecilho, mas também sabem ler, estudam, são capazes. Surdos também se utilizam de gestos, além dos sinais, quando estão se comunicando com os ouvintes, mas lembrando de que Libras não é gesto, é uma língua. Alguns surdos conseguem falar, oralizar algum som, mas se se sentem confortáveis fazendo isso, não é uma obrigação, cada uma faz a sua escolha.

Algumas pessoas surdas podem ouvir algum ruído, algum barulho, sons, mas a maioria escuta se o barulho for forte, como um trovão, uma batida de porta, alguns até consegue ouvir a voz das pessoas, mas são poucos que tem a audição menos comprometida.

A comunidade surda possui associações, onde realizam várias atividades de lazer, encontram-se normalmente para bater papo, comunicar por meio da língua de sinais, reforçarem sua própria identidade como sujeito surdo, é uma união aonde às pessoas sentem prazer em se encontrarem para a vida social, pois os surdos são como qualquer outra pessoa possui uma família, um emprego, uma casa, uma vida social.

No contexto da educação a história do surdo passou por algumas fases são elas as principais: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo, se falarão um pouco de cada fase. Na primeira fase o Oralismo o qual foi resultado de um congresso que aconteceu em Milão, onde os surdos foram obrigados a utilizar apenas o método da oralização sendo proibido o uso da sinalização, de forma até a amarrarem as mãos dos surdos para que os mesmos não sinalizassem, até hoje ainda vemos algum resquício desta fase sobre a comunidade surda.

A sociedade acreditava que a surdez era um problema clinico, e que a solução seria oralizar o surdo para que ele fosse incluído na sociedade, por que falar era o “normal”, ao longo da história foi mudando o ponto de vista de um ser reabilitado para sociedade para um que fosse incluído, porem o surdo deveria se incluir na sociedade e não a sociedade incluir o surdo, mesmo assim o oralismo durou por muito tempo na educação de surdos, hoje a prática oralista é uma escolha do indivíduo e sua família e não mais uma imposição, mais como uma alternativa.

 Conforme Dias (2006), o uso do oralismo para a educação de surdos não teve o sucesso esperado, não garantia uma maior qualidade na educação de surdos comparando a outros métodos, mais tarde começaram a ter resultados mostrando que o uso da língua de sinais estava conseguindo que crianças surdas obtivessem um desenvolvimento escolar adequado, e a metodologia oralista começa a ser substituída.

Segunda fase Comunicação Total onde foi liberado a sinalização, Filosofia da Comunicação Total:

[...] utiliza a língua de sinais, o alfabeto digital, a amplificação sonora, a fonoarticulação, a leitura do movimento dos lábios, leitura e escrita, e utiliza todos esses aspectos ao mesmo tempo, ou seja, enfatizando para o ensino, o desenvolvimento da linguagem. Portanto a Comunicação Total é um procedimento baseado nos múltiplos aspectos das orientações manualista e oralista para o ensino da comunicação ao deficiente auditivo .( Costa -1994,p.103)

Comunicação total é flexível e utiliza tanto meios de comunicação oral quanto gestual e escrito, permitindo que a criança surda possa se comunicarem com o mundo, todos os recursos poderiam ser utilizados, ainda era utilizado a oralização, mas apenas como um dos recursos não mais como prioridade.

A comunicação Total também não teve sucesso, era inevitável a comparação do oralismo quanto da Comunicação Total, gerando discussões sobre as práticas até então utilizadas. E para resolver o problema surge a filosofia do bilinguismo e nela destaca-se:
a prática da comunicação total teve muitos simpatizantes na década de 1970e 1980, depois foi criticada por não usar de forma adequada a estrutura da língua de sinais.

[...] o surdo deve ser Bilíngue, ou seja deve adquirir como língua materna a língua de sinais ,que é considerada a língua natural dos surdos e , como segunda língua , a língua oficial de seus pais [...]os autores ligados ao bilinguismo percebem que o surdo de forma bastante diferente dos autores ligados ao Bilinguismo percebem que o surdo de forma bastante diferente dos autores oralista e da Comunicação Total .Para os bilinguistas , o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte , podem assumir sua surdez (GOLDFELD 19997, P .38)

A terceira fase usada atualmente é o Bilinguismo.
Entende-se por bilinguismo o sujeito que (criança) surda na qual tem aquisição de duas línguas: a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na oral e escrita (quando for possível e uma opção pessoal e da família), a primeira língua será LIBRAS (L1) e a segunda língua será o Português (L2) considerando o sujeito surdo bicultural e ele precisa aprender duas línguas. A língua de sinais usada pela comunidade surda como primeira língua (LIBRAS) e a língua portuguesa usada como segunda língua, e utilizada pelos ouvintes.
 Não tem como falar em Educação de Surdos e não falar do Instituto Nacional de Educação de Surdos –INES, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdo recebeu alunos de todo território brasileiro e como por muito tempo foi a única instituição de surdos no Brasil e nos países que nos cercam, ensinou alunos do exterior e de todo Brasil. Com a criação do Instituto INES bilinguismo vai se consolidando no Brasil .o instituto atende desde a educação infantil ao ensino Médio, e hoje tem cursos profissionalizantes e o primeiro curso de Pedagogia Bilíngue .

A cultura ouvinte, formada pela maioria da população, vive e expressa sua cultura como algo normal e intrínseco, e não percebe que ocorre uma opressão em outras culturas ou em outros grupos. São hábitos do dia-a-dia que fazem com que pessoas se sintam excluídas, não pertencentes ao local que moram que frequentam que trabalham, e se essa opressão não for sentida na pele por quem a faz, passa despercebida, por conta da vida corrida, dos próprios problemas pessoais, do trabalho e tarefas sempre acumuladas por fazer. No caso relata-se a opressão sofrida pela cultura surda, por ser uma cultura secundária no Brasil, por ser uma segunda língua, a Libras, não há uma valorização desta cultura e nem há uma divulgação voluntariosa. Percebe-se que a língua se começou a difundir-se após da sanção da lei, com isso órgãos públicos e privados começaram a receber essa população surda e não estavam preparados para este fenômeno, a partir dai começa-se a exclusão, a opressão, a falta de conhecimento, de como lidar com o diferente, com o desconhecido.

De acordo com SILVA e FAGUNDES (2015) por conta da cultura surda possuir uma identidade própria, uma especificidade de seus processos culturais, gera um conflito e dificuldade na cultura ouvinte de entender como tudo procede e como o deficiente é visto ainda como incapaz. Os autores continuam a fala trazendo a informação de que a criança surda quando nasce, atribui-lhe um “defeito”, porque os ouvintes desconhecem as necessidades dos surdos e atribuem à surdez como algo que deve ser reparado, e por isso já há o etnocentrismo, um julgamento de uma cultura diferente, uma cultura nova, sendo descriminada e não valorizada e incluída.

Os sujeitos surdos são discriminados há muitos anos, quando ainda eram denominados surdos-mudos, a deficiência era considerada loucura não podia estudar porque eram incapazes de aprender. Os surdos começaram a utilizar dos sinais e isso causou estranheza na sociedade, a maioria não entendia o que estava sendo dito, e com isso houve a proibição do uso de sinais por meados de 1880, com o Congresso de Milão. Até hoje há essa relação de poder e diversidade cultural, com isso gerando a opressão da cultura surda, pelo jeito de agir, de pensar, de se expressar tem sido negligenciada no decorrer de todos esses anos. Os espaços sociais são predominantemente ouvintes, porém os surdos estão inseridos nestes espaços, e como pertencentes a uma minoria, sofrem uma homogeneização da cultura predominante.

De acordo com SILVA (2016), há a existência de uma cultura surda e a necessidade dos surdos em conviverem com seus pares, uma análise é gerada a partir da junção desses dois mundos, e contradições e conflitos haverão, mas não resultará em uma separação.

Silva (apud Skliar 2005) relata sobre a discussão e uma análise antropológica que significa identificar a surdez como diferença cultural e social, influenciando como a sociedade rotula esses sujeitos, na área médica como deficientes, não reconhecendo suas diferenças linguísticas e culturais.

# 3. MATERIAIS E MÉTODOS

 Esta pesquisa científica tem como objetivo relatar os dados obtidos através de um método de leitura e aprofundamento em diversas matérias, trazendo as informações relevantes sobre o assunto relatado.

 Tendo como base uma pesquisa descritiva, segundo Gil (2008), tem o objetivo descrever um fenômeno, uma população, uma característica, uma experiência, sendo reconstruída uma visão do que já foi escrito.

 Esta pesquisa científica tem como método um censo de investigação, uma preocupação em relatar e mostrar que o assunto do Etnocentrismo entre a cultura ouvinte e a cultura surda ainda há uma ruptura e que se deve evidenciar para que a sociedade se aproprie desta língua para a inclusão de todos.

 Através das informações coletadas, relata-se que através de leitura de livros e artigos, alguns aspectos que ainda acontecem na sociedade atual em relação à discriminação de uma cultura inferiorizada, como a cultura dos surdos.

 Analisando o material encontrado, constatou-se que esta pesquisa de cunho exploratório mostra as relações presentes entre estas culturas e verificaram-se as características dos dois grupos.

**5. CONCLUSÕES**

Verifica-se que este trabalho trouxe como proposta um realidade paralela ao mundo do ouvinte, uma realidade diferenciada que só quem a vive consegue perceber o que acontece de discriminação e preconceitos. O objetivo era elucidar os leitores sobre o etnocentrismo de duas culturas inseridas no mesmo ambiente territorial e mesmo assim tão distantes.

Dada a importância aos assuntos que foram mencionados, se reconhece a cultura surda como uma cultura completa, onde seus modos, costumes e língua são firmados e identificados a cada dia. Mostrado o seguinte modo, que a experiência visual não é propriamente exclusiva do surdo, mas que para ele tal circunstância funciona como um recurso exclusivo, fazendo com que seja vivido e sentido de maneira intensa. Ainda tendo o anseio de reconhecimento, a cultura surda mostra resultados lentamente progressivos à medida que sua amplitude ganha espaço cultural.

Contextualizou-se sobre a educação de surdos e sua história, evidenciando que esta disparidade ocorre de tempos remotos e vem sendo reverberada até os dias atuais. Na educação como relatado no texto, ainda há influência de decisões tomadas no tempo onde não havia todas as tecnologias e facilidades dos tempos atuais, mostrando que há um atraso na conceituação e nos entendimentos das pessoas leigas sobre o mundo da surdez. Também sofreu uma influência direta da cultura ouvinte, sendo que todas em todas as fases vividas como oralização, comunicação total e o bilinguismo. Foi mostrado a importância com a criação e desenvolvimento do INES -Instituto Nacional de Educação de Surdos o seu papel e importância para cultura surda como foi fundamental no desenvolvimento da educação de surdos no Brasil.

Elucidou-se sobre o conceito de etnocentrismo e como procede perante as culturas ou hábitos diferenciados dos próprios, contando que a minoria ainda sofre para ganhar espaço entre os maiores e com isso precisa lutar para alcançar seus objetivos.

**REFERÊNCIAS**

SILVA, Valdison José Santos da; FAGUNDES, Edimara Alves. Cultura surda e seu embate com a cultura ouvinte. Paraná, 2015.

HENRIQUE, Paulo. **O CONFLITO D CONGRESSO DE MILÃO – 1880.** Disponível em:

<<http://paulohenriquelibras.blogspot.com/2016/02/o-conflito-do-congresso-de-milao-1880.html>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

SILVA, Mária José dos Santos. Meio Social e Surdez – trajetória socioeducacional de jovens surdos. 1. Ed. Curitiba: Appris – 2016.

SILVA, R.R. A educação do surdo: minha experiência de professora itinerante da Rede Municipal de ensino de Campinas. São Paulo, 2003.

DIAS ,V.L.L Rompendo a barreira do silencio : interações de uma aluna surda incluída em uma classe do ensino fundamental. Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, L.A. A escrita do surdo: relação texto e concepção. 24ª Reunião Anual da ANPED, 2001.Caxambu: Revista Brasileira de Educação, 2004. Disponível em: <<http://24reuniao.anped.org.br/tp1.htm#gt15>>. Acesso em: 28 jun. 2018.

COSTA , M. P. R. Orientações para ensinar o deficiente auditivo a se comunicar. Revista Brasileira de Educação Especial, Piracicaba, v.1,n.2,p.53-62,1994. Disponível em:
<<http://www.abpee.net/> >Acesso em: 27 jun. 2018.

KERNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI, M. Cultura Surda na contemporânea: negociações, intercorrências e provocações. Ed. Ulbra. Canoas, 2011.

BURKE, Peter. Hibridismo cultural. São Leopoldo. Ed. Unisinos, 2003.

FERREIRA, A. Minidicionário Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 7ed. Positivo. Curitiba, 2008.

PORTAL DO SURDO. A cultura surda e suas características. Disponível em: <http://www.portaldosurdo/index.php?option=com_content&view=article&id=208&208&Itemid> > acesso em: 30 jun. 2018.

STROBEL, Karin. Visão histórica sobre a in(ex)exclusão dos surdos. ETD – Educação temática digital. Campinas, v7, n.2, p.244-525, 2006.

SOARES, M.A.L. A educação do surdo no Brasil. Ed. Autores Associados. São Paulo, 2014.

LOPES, M.C.L. Surdez & Educação. Ed. Autentica. São Paulo, 2007.

Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em: < <http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines> > acesso em: 23 jun. 2018.

Portal do Surdo. Disponível em: < <http://www.portaldosurdo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=208&itemid>> acesso em: 30 jun 2018.